

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 3 — VOL. III.

Sabbado 5 de Fevereiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Educação, continuação — Uma vista pittoresca do Rio de Janeiro — Galeria historica, continuação — O castello d'Alcobaça — Personagens historicas — Memórias do coração, continuação — O Labrador — Pekin — O engellido, continuação.
GRAVURAS: — O marquez de Cinq-Mars, e o cavalheiro de Thou — Godofredo, duque de Normandia — Maximiliano I, e sua mulher Maria de Borgonha — Uma vista pittoresca da cidade do Rio de Janeiro — O castello de Alcobaça.

Historia da actualidade.

O governo portuguez encomendou aos senhores Forresters, de Londres, a construcção de tres barcos salva-vidas.

Terça-feira da corrente semana deu o senhor conselheiro Maciel, ministro do Brazil, um banquete de vinte e tantos talheres ao nuncio apostolico, e ministro da Saxonia. Concorreram varias pessoas da cõrte.

Ainda esta semana tentou uma mulher precipitar-se da muralha de S. Pedro de Alcantara; mas foi impedida por um individuo que ali passeava.

Vae fundar-se em Ponta Delgada outro asylo de infancia desvalida, e terá a denominação de *Maria Theresia*.

Este anno os bailes de mascaras no café-concerto tem sido esplendidamente concorridos.

A festa annual da inauguração do theatro das Variedades foi mui brilhante, e honraram-na com suas presenças el-rei o senhor D. Fernando, e os senhores infantes.

A nova camara municipal tomou posse no dia 31 do mez passado.

Foi na noite do mesmo dia em S. Carlos a nova dança intitulada *Rita, ou a conversão de D. João de Marañã*. Foi bem recebida pelo publico.

O conselho de saude fez publico que terminou de todo a epizootia que accommetteu o gado n'alguns districtos do reino.

Circula noticia de se haver concluido um tractado de alliança entre o Piemonte e a França.

Corria igualmente boato de que o governo francez vae expedir para Roma novo reforço de dez mil homens.

O principe Jeronymo Napoleão subscreveu com cincoenta mil francos para a abertura do canal de Suez.

Um professor de chymica no collegio de Besançon descobriu que ha arsenico nos alfinetes.

A mortalidade em Paris que orçava ordinariamente de sessenta e sete a setenta e cinco in-

dividuos por dia, tem descido n'estes ultimos tempos de trinta e tres a trinta e oito.

Mr. de Gladstone foi nomeado governador das ilhas Jonias, e accitou o cargo.

A frota ingleza que acompanha lord Elgin foi bombardeada pelas fortalezas de Nankin. Os inglezes defenderam-se e destruíram as ditas fortalezas.

Em Pavia foi fechada a universidade, e os habitantes reclamam agora por meio de petições contra este acto.

Espera-se que o imperador d'Austria visite as suas provincias italianas.

Tornam a renovar-se em Londres os boatos de guerra.

Em Toulon progride activamente a construcção de vasos de guerra.

Falla-se em que o governo francez vae substituir por soldados bisonhos os aguerridos que estão na Argelia, que brevemente regressarão á Europa.

Espera-se que se reuna proxicamente um congresso, ao qual se submettam as questões internacionais da Italia.

Suas magestades el-rei o senhor D. Pedro v, sua esposa, el-rei D. Fernando e os senhores infantes e infantas fizeram no dia 2 do corrente uma digressão pelo caminho de ferro do sul.

A *Tesoura de Guimarães* suspendeu a sua publicação.

Consta que o dividendo das acções de quinhentos mil réis do banco de Portugal, está fixado este semestre em dezoito mil réis por cada uma.

As tropas postadas actualmente entre Tarento e o Tyrol elevam-se a sessenta mil homens.

O governo inglez deseja que se restabeleçam as relações com Roma, e em resultado d'estas negociações, mostra-se a curia romana disposta a restabelecer em Inglaterra a nunciatura.

O principe de Galles, que anda viajando, é esperado este mez em Londres, a preparar-se para a sua grande viagem em roda do globo.

A camara municipal de Lisboa fará este anno as doencas na sua igreja de Santo Antonio da Sé.

Para a nova empresa do theatro de S. Carlos apresentou-se uma unica proposta, que foi a do senhor Figueiredo.

Prefiro o testemunho da minha consciencia a todos os discursos meus que possam existir. — *Cicero*.

Educação.

Continuação.

Não asseguramos que algum escriptor da antiguidade tivesse dito que a educação é o dever mais sagrado dos paes, e o sustento mais salutar que podem offerrecer a seus filhos; mas dizemos nós conscienciosamente que se a educação não é um dever sagrado dos paes, nem o mais effizaz sustento de seus filhos, não sabemos distinguir, n'uns, o direito que teem á veneração dos outros; nem n'estes a força racional que constantemente os atrahhe ao seio d'aquelles.

Se o filho despege-se o pensamento da educação que deve a seus paes, e que o tornou feliz, ou pelo menos o poz em estado de fraternisar com a sociedade, e de acudir aos meios da propria subsistencia; que genero de impressão acharia no espirito a favor d'aquelles que lhe deram o ser?

Que amor seria esse, sem outro fundamento além do capricho, da vaidade ou do prazer sensual dos dois entes, de que resultou?

Este amor infundado não podia existir. O filho não veria no pae senão um ente estranho ás suas mais intimas affeições, e ao qual o obrigava a respeitar mais o temor, ou o interesse, do que a voz do coração. A filha não veria na mãe a amiga extremosa, a conselheira prudente, a confidente bondosa, o guia emfim dos seus passos e da sua intelligencia.

A mulher, educada para ser escrava do marido, não podia exercer sobre sua filha senão a absurda lei da oppressão, contra a qual o espirito d'esta tendia naturalmente a rebelar-se, porque o espirito é livre.

D'este estado repugnante, em que a sociedade gemia, passou-se quasi com imperceptivel transição para outro não menos absurdo e terrivel, que é o actual, e que fugimos de classificar, mas intentamos destruir.

Revela-se por uma notavel anarchia de idéas, que nem ao menos teem o merecimento de serem verdadeiras; por uma apparencia de libertinagem de pensamento, que faz duvidar da innocencia n'uns, e da probidade em outros.

A donzella da actualidade parece ter-se possnido do espirito da antiga corteza. O falso desinvolvimento do espirito destroe-lhe a candura do gesto, e faz imaginar que possui o coração pervertido.

A palavra donzella exprime mal aquelle todo des-

involto e pouco recatado: entre uma mulher casada e uma donzella não ha a menor differença apparente; a liberdade da primeira é sancionada na segunda pela falsa educação moderna, tornada ainda mais falsa pelo modo como é ordinariamente entendida entre nós.

A antiga educação tinha *prejuizos*: a moderna tem innovações perigosissimas.

Entre uma e outra não houve o menor calculo de interesse social: despresou-se a primeira, para adoptar a segunda; mataram-se os *prejuizos* para dar vida ás *inconveniencias*; e povoou-se a sociedade de verdadeiras nullidades.

Se a vida domestica merece alguma consideração, o termo que acima empregamos não deve ser censurado.

A mulher de sociedade ufana-se de tudo, excepto de possuir condições especiaes de educação para bem comprehender o seu duplo dever de esposa e de mãe; e sem ellas o que é a mulher na sociedade, senão uma perfeita nullidade? O seu espirito brilha, nos fastos da elegancia; mas o coração sepulta-se nas trevas do desamor: e quando chega o momento de empregar o coração no tributo que a natureza e a sociedade lhe impõem, que recursos lhe offerece esse espirito, que sobre o ter perdido o valor com o augmento da idade, não tem na vida domestica o alimento que o mundo lhe offerecia?

A educação moderna cultiva o espirito e esquece o bom senso.

Não confundamos um com o outro: o espirito tem apenas por fim o *agradavel*; o bom senso, o util. O bom senso é tão profundo, em nós, quanto o *espirito* é superficial: tão duradouro quanto o outro é passageiro. O *espirito* é a arte de dizer *coisas bonitas*; o bom senso é, por assim dizer, a sciencia de applicar o *espirito* ás coisas uteis, á sociedade, e a nós mesmos.

Toda a differença entre o bom senso e o que apenas se chama espirito, explica-se pela que existe entre *conversar* e *fallar*.

Uma mulher de solida educação disse uma vez, achando-se em sociedade, rodeada de lindas proscritas da educação moderna: « Perdão, se querem *fallar*, *fallemos*; mas se preferem *conversar*, digamos alguma coisa.»

A conversação é o unico meio porque cada individuo pode em sociedade dar justa idéa de si, e formal-a a respeito de outrem.

A educação moderna não offerece a vantagem de dar sufficientes recursos para conversar.

Não confundamos a educação com a instrução. Antigamente, educava-se uma mulher, mas não se instrua: hoje instrue-se, mas não se educa. O mal existe do mesmo modo. A educação é a cultura do coração; tem por objecto corrigir o vicio, reformar os habitos, e aperfeiçoar a indole. A instrução é a cultura do espirito.

A perfeição da educação util, como nós desejamos vê-la estabelecida, é a reunião dos principios que tendem a estabelecer o verdadeiro espirito da virtude, e o perfeito desinvolvimento das idéas, de modo que haja no individuo perfeito equilibrio moral entre a cabeça e o coração, de accordo constante com a indole nacional e com as exigencias da verdadeira economia social, que é de que depende a felicidade das familias. A missão da mulher n'este mundo não é exactamente comprehendida em geral por nenhuma. Mas se ellas são d'este mundo, porque não hade a educação dar-lhe a idea precisa d'essa sagrada missão, apar da cultura do espirito? Porque não hade fazer-lhe comprehender que a sua existencia não deve ser apenas como a das flores, destinadas a embellesarem os jardins e a encantarem a vista?

Triste missão seria esta! Triste e inutil empenho o dos paes que educam uma filha só para encantar a vista de milhares de admiradores, e esquecer depositar-lhe no coração o germen da virtude que o é tambem da felicidade domestica!

A educação moderna faz da mulher um *mytho* elegante e provocador, que nos attrahe pela sua apparencia deslumbrante; mas é raro acharmos debaixo d'essa magnifica apparencia um coração, que saiba corresponder ás necessidades da nossa existencia moral.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

Uma vista pittoresca do Rio de Janeiro.

Todos os viajantes, que teem visitado a capital do Brazil, são concordes em exaltar a belleza e variedade de quadros, que a cidade e a bahia offerecem aos olhos.

A vastidão d'aquella bahia, aonde mais de vinte rios e ribeiros veem pagar tributo de vassallagem; as numerosas ilhas, que ali se erguem do seio das aguas, como para servir de base a thronos de perenne verdura; a pomposa vegetação, que guarnece as margens d'esta immensa enseada; os bosques que vestem as proximas collinas; as montanhas graníticas, que ao longe se estendem e avultam como caixilho de anil, disposto para dar realce ás brilhantes côres de tão formoso painel; a cidade, emfim, ora espelhando-se nas aguas do seu soberbo porto, ora subindo por suaves encostas, aqui ostentando os seus templos na corôa de pouco elevados oiteiros, acolá escondendo os seus edificios entre a espessura de copado arvoredor; e os coqueiros, tão esbeltos e gentis, isolados n'um ponto, agrupados n'outro, erguendo aos ares por toda a parte a sua magestosa copa; tudo isto constitue um espectáculo verdadeiramente encantador e maravilhoso.

E todas estas bellezas surpreendem e captivam tanto mais o viajante, que pela primeira vez as gosa, quanta é a novidade que encontra em quasi todos os objectos, que o cercam.

Poucas cidades apresentarão mais variedade de perspectivas do que a capital do Brazil. Ou seja vista da bahia, ou de alguma altura do interior, cada panorama, que os olhos relanceam, é um painel inteiramente differente, qual mais bello e pittoresco.

O que a nossa estampa representa, é sem duvida um dos que mais sobresaem em amenidade e contrastes. Ahi se vê o *aqueducto da Carioca*, assim chamado do nome de uma ribeira, e mandado construir em 1750 por el-rei D. João v, sendo capitão general da provincia do Rio de Janeiro Gomes Freire d'Andrade.

O monte do castello, que por vezes teem projectado arrasar, afim de que a cidade baixa fique desaffrontada, e lavada do norte, lá se levanta, avançando um pouco como um pequeno cabo. Por detraz avultam as duas altas torres da igreja da Candelaria, o melhor templo da cidade, tudo construido de granito.

Mais ao longe descobrem-se algumas pequenas ilhas, d'entre as muitas que povoam a bahia, e que bem se destacam das serras, que formam o fundo do quadro.

Galeria historica.

Continuação.

O CONDE DE FLANDRES.

Roberto II subiu ao throno de Flandres em 1093, e os primeiros actos do seu governo foram insultos feitos ao clero, que durante o reinado precedente tinha tomado demasiada preponderancia nos negocios politicos. O papa chegou a ameaçal-o com a excommunhão.

N'esse tempo, em que os ecclesiasticos perseguidos quasi abandonavam aquelles dominios; e a soldadesca licenciosa consternava as populações, teve logar a celebre cruzada de Godofredo de *Bouillon*, á qual o joven principe, movido pelos conselhos dos que desejavam *vê-lo pelas costas*, pretendeu ligar-se. Roberto II enviou mensagem a Godofredo e ao papa; e obtendo o consentimento de ambos, tomou a cruz como para expiar os erros dos primeiros annos do seu reinado.

Durante as lides da Terra Santa, Roberto comportou-se de tal modo, que fez inteiramente esquecer as pessimas impressões, que o principio da sua vida politica produzira nos povos. Servia d'exemplo aos mais valentes cavalleiros; nenhum outro se lhe podia comparar, senão Godofredo ou Tancredo; e estes mesmos em consciencia reconheciam a elevada coragem que tanto distinguia o joven guerreiro, principalmente na batalha de Ascalão e no cerco de Jerusalem. N'este ultimo,

foi proclamado, pelos chronistas sarracenos, a *primeira espada christã*.

Roberto II era dotado de caracter inteiramente excentrico. Como homem, possuia todas as mais condições que podiam arrastal-o aos maiores precipicios. Como principe, era dotado de tal indolencia, que facilmente qualquer pessoa podia insinuar-se-lhe no espirito, fraco e desleixado, a ponto de o empregar contra os proprios interesses. Por indolencia deixou Roberto de sentar-se no throno de Inglaterra; e de tal modo dissipava os recursos do seu condado que, muitas vezes, segundo affirma a chronica, faltava-lhe o alimento quotidiano logo depois dos mais notaveis festins da sua luxuosa côrte.

A prodigalidade, principal dos seus defeitos, chegava até á extravagancia.

Não foi o espirito da fé, nem o amor das riquezas, que moveu o animo d'aquelle principe a alistar-se na cruzada.

Cansado do viver licencioso e farto de prazeres, aproveitou o primeiro momento que se lhe offereceu de distracção, dando por esse modo alimento ao espirito aventureiro que distingue as raças normandas, e elle possuia em alto grau.

Faltando-lhe, porém, o dinheiro necessario para acudir ás despesas que importava a remoção do seu exercito para a Palestina, e mais aprestes inherentes á sua posição, hypothecou o condado a seu irmão Guilherme da Grã-Bretanha, que contava juntal-o depois ao seu reino de Inglaterra.

Esta deliberação de Roberto obriga-nos a uma pequena indagação sobre a politica de Guilherme.

Não seria filho d'essa politica fraticida o conselho que moveu Roberto a alistar-se na cruzada a que seu irmão não ligava a menor importancia, como se deprehende da pertinacia com que sempre se negou a coadjuval-a?

Se Roberto era indolente e licencioso, será crível que pelo impulso do seu proprio espirito tivesse escolhido o meio de hypothecar seus estados para entregar-se a uma vida trabalhosa, tão contraria aos seus instinctos, e na qual não podia achar repouso nem licença?

As chronicas não descem a taes investigações acerca da politica de Guilherme: contam-nos apenas os successos como elles foram apparentemente; mas o facto é que á usurpação de Guilherme juntou-se em pouco tempo o condado de Flandres, e que esta joia florecente foi mais tarde fundir-se na sua frente com a corôa de Inglaterra.

A partida de Roberto roubava ao condado de Flandres a flor da sua nobreza. Os principaes castellos, os que mais tinham a peito a independencia do seu torrão, haviam de acompanhar o soberano; e em breve os espiritos menos solidos, comprados pela habil politica de Guilherme, consentiriam n'essa usurpação terrivel, estendendo os pulsos aos ferros que a Inglaterra suavemente lhes offerecia.

Guilherme nada poupou para esse fim. A occasião de se apoderar do condado era tão propicia, que não podia o habil politico despresal-a pela esperanza de outra melhor. A somma exigida pelo conde Roberto era grande: os cofres do estado não podiam satisfazel-a; mas a prata das igrejas, fundida e cunhada, suppriu a differença.

E quando conseguira Roberto resgatar a sua hypotheca do poder de Guilherme? Este sabia mais dos negocios da Palestina do que os proprios que lá tinham ido afadigar-se: os factos não realisavam a riqueza que as idéas sonhavam.

Prompto o exercito do conde, e collocada á sua frente a flor dos seus cortezaes, saiu o principe da sua bella patria, seguido do seu bando emplumado.

As galeras, pejudas de homens e de cavallos, abriram ao vento as azas, como aves aquaticas, e lá foram aproudo para o desterro, em procura dos portos d'África.

Nos plainos de Nicéa é que o duque da Normandia desembainhou a espada, pela primeira vez, contra os inficis. Cincoenta mil cavalleiros sarracenos experimentaram essa temivel espada, que scintilava em defesa do Santo Sepulchro. O cerco da cidade tornou-se apertado; e quantas correrias os defensores intentaram, tantas Roberto reprimiu á frente dos seus cavalleiros que o admiravam.

E a bandeira da cruz em breve tremulou nos bastiões da cidade infiel.

Roberto não tinha ainda experimentado a exaltação febril do combate, nem a commoção produzida pela conquista. Quando pelo proprio punho hasteou a sua bandeira branca orlada de ouro nos muros da cidade, dizem que lhe saltavam as lagrimas, e que todo o seu rosto parecia revelar o acordar de uma grande alma que sacudia os prejuizos de um coração entorpecido pela licença.

Refere um escriptor francez, que no cerco de Dorylêa deu Roberto a maior prova da coragem que o distinguia. «O acampamento dos christãos acabava de ser invadido pela cavallaria musulmana, e os cruzados fugiam desordenadamente. Roberto, que commandava um corpo de reserva, precipita-se no combate; arranca o seu gúião das mãos do conductor, e investindo com os esquadões inimigos, leva-os adiante de si ao grito guerreiro de — *Normandia! Normandia!*»

Dois dias depois d'esta prodigiosa batalha, diz o mesmo escriptor, citando Alberto d'Aix, ainda os infieis fugiam aterrados; tanto os tinha impressionado a coragem d'aquelle cavalleiro!

Como já dissemos, depois da batalha de Ascalão, a maior parte dos principes christãos voltaram á sua patria. Roberto entrou n'esse numero; mas o caracter licencioso que d'antes possuira era ainda o mesmo, e d'ahi resultou a sua desgraça. Os thesouros que adquiriu na Palestina foram dissipados na Italia, em orgias e amores. Quando os recursos lhe faltaram, voltou ao seu pobre condado que o recebeu com entusiasmo; mas em breve o povo, cansado do governo de um principe que de nenhum modo correspondia ás suas esperanças, e o sobrecarregava de impostos, cuja somma desviava para satisfazer phantasias, começou a oscillar de modo que o ameaçava no alto do throno.

Roberto quiz então tomar um expediente que illudisse a commoção popular, e lembrou-se de reivindicar o reino de Inglaterra, que outr'ora por simples desleixo tinha perdido.

Henrique I offereceu-lhe sem demora uma batalha decisiva. Não lhe bastou o nome que tinha ganho no Oriente: as cohortes inimigas não eram compostas de sarracenos cobertos de seda e de joias; eram formadas por bons cavalleiros armados, como elle, d'aço e de ferro até aos dentes; e o heroe de Nicea, Dorylêa e Ascalão teve de abaixar a espada em presença do novo inimigo, que tão imprudentemente fóra acordar!

Henrique I, respeitando os laços de sangue que o ligavam a Roberto, mandou-o encarcerar na fortaleza de Cardiff, na provincia de Glamorgan; e ao cabo de vinte annos de captiveiro ahi expirou o heroe da Palestina, esquecido não só pelos seus subditos como pelos valentes companheiros, que no Oriente tanto tinham admirado e exaltado a coragem que lhes servia de exemplo.

ALFREDO HOGAN.

O castello d'Alcobaça.

UMA LENDA POPULAR.

Passando ha annos pela villa d'Alcobaça, tão celebre pelo seu mosteiro de monges de S. Bernardo, monumento grandioso, rico em primores d'arte, em recordações historicas, e em memorias de sabios, demoramo-nos um pouco a ver o antigo castello meio arruinado, que se ergue sobre um monte sobranceiro á villa para o lado do occidente.

Em quanto ao contemplar o quadro pittoresco d'aquellas venerandas reliquias d'antiguidade, a imaginação nos transportava a essas eras remotas, em que de cima d'aquellas muralhas resoavam continuos gritos de guerra n'essa lucta encarnçada, e por tão longos seculos pelejada entre os campeões da cruz e os sectarios do alcorão, veiu bater-nos levemente no hombro a mão de um ancião, de presença respeitavel, e bem trajado.

— Está vendo o nosso velho castello, não é assim? exclamou elle com gravidade.

— Certamente; e é uma antigualha bem curiosa,

que se agora tiveramos tempo folgaríamos de ver mais de perto.

— Como sou muito velho, e a experiencia do mundo me dá direitos, e talvez a obrigação de aconselhar os mais novos, aconselho-lhe que se contente de ver de longe aquelle castello amaldiçoado.

— Pois que! correm perigo os que tentam vital-o?

— Nós, os homens, não corremos por certo perigo algum; mas não creio, que possa ser agradável para o individuo e para Deus a entrada em uma estancia de tantas abominações e maledicções.

— Já vemos, que o senhor allude a alguma historia de fadas e encantamentos.

— Alludo a uma historia desgraçadamente verdadeiramente, e que poderei contar-lhe, se me quizer ouvir.

— Ouvil-a-hemos com muito gosto, pois que damos bastante apreço ás lendas nacionaes.

— Esta, porém, torno a repetir, é uma historia muito veridica, em parte transmittida pela tradição, em parte authenticada por documentos, em muitas circumstancias autorizada pelo testemunho de nossos paes, e de respeitaveis ecclesiasticos, que muitos homens ainda hoje vivos conheceram e trataram.

Dizendo isto, o bom do velho convidou-nos a entrar com elle em sua casa, que era perto d'ali.

A curiosidade, que excitaram em o nosso espirito as suas palavras mysteriosas, que revelavam alguma instrução apar de muitas idéas supersticiosas, e o interesse que realmente ligamos a estes contos e tradições populares, decidiram-nos a aceitar o convite. Entrámos pois em uma casa de modesta apparencia, onde um certo alinh e acoio, que se não encontram facilmente em as nossas terras do interior, provavam haver n'aquella habitação espirito de ordem, e mediania de bens.

Depois de nos sentarmos junto de uma janella, d'onde se avistava o castello, deu principio o ancião á seguinte historia.

— Quando a maior parte da peninsula se achava sujeita ao imperio arabe, tinha o castello d'Alcobaça, construido ao que parece por mãos de moiros, a Ben Almanzor por seu alcaide. De estatura atletica, robusto de corpo, e esforçado d'animo, possuindo, como os verdadeiros filhos d'Agar, uma alma ambiciosa, coração ardente, imaginação viva, e espirito inquieto e turbulento, o moiro castellão era o terror da população christã, que por aquellas leguas em redondeza vivia como escrava nas terras, que eram suas.

«Inimigo implacavel do sagrado nome de Jesus Christo, e de todos os que seguiam os seus divinos preceitos, os rigores e perseguições d'Almanzor contra estes infelizes iam sempre em augmento.

«Os fructos, que tiravam da terra com o suor do seu rosto; os gados, que com tanto trabalho creavam, e com tamanho perigo defendiam dos animaes ferozes, que n'essas eras infestavam em grande quantidade todas as nossas montanhas; algum oiro ou prata, que por acaso possuiam, de ordinario havido em herança, e como memoria de tempos mais affortunados; os utensilios de commodidade, ou objectos de simples adorno, tudo lá ia parar ao castello do tyranno, em continuas correrias e depredações, para pasto dos seus appetites, e alimento do seu fausto e grandeza.

«Refinando cada vez mais em toda a sorte de barbaridades, lembrou-se um dia Almanzor de opprimir os miseros christãos com a maior e mais atroz de todas as extorsões e violencias. Impoz-lhes o barbaro tributo annual de doze formosas donzellas para ornamento do seu harem, e emprego de suas excrementos voluptuosidades.

«Durante muitos annos foram aquelles arredores theatro de cruas scenas de angustia e desolação. Os pobres paes, que viam com entranhavel magoa crescer suas filhas, e desinvolverem-se n'ellas os dotes da formosura, cuidavam morrer, sentindo partir-se-lhes de dor o coração, e desfallecer-lhes a alma nas ancias do opprobrio, quando era chegado o terrivel momento da separação.

«O amor materno não pode, certamente, ser exposto a mais duras provas. Para as outras desgraças da vida, mesmo para a morte, poderia achar resignação na força e energia do seu animo, e facilmente tambem a encontraria nos santos dogmas re-

velados e ensinados aos homens pelo Filho de Deus. Mas para aquelle caso estranho, de affronta para o corpo de suas castas filhas, e de vilipeado e perdição para a alma, não podia uma extremosa mãe encontrar especie alguma de resignação.

«Como tudo na terra tem fim, bens ou males, aquelle grande infortunio teve pois o seu termo. Tantas preces involtas em lagrimas, e enviadas ao ceo pelo santo amor maternal, ou pelo coração puro de innocentes virgens, mereceram allim a misericordia divina.

«As valentes hostes de D. Affonso Henriques, depois de rendidas ao seu valor Santarem, Lisboa, e outras terras da Estremadura, vieram pôr cerco ao castello do barbaro Almanzor. Fraca resistencia podia oppôr esta pequena fortaleza aos exercitos aguerridos, que haviam escalado praças tão fortes como aquellas, que bem seguras se julgavam, vendo-se cingidas por tão altas e torreadas muralhas, e defendidas por tão numerosas e bravas guarnições.

«Em breve tremulou victorioso o pavilhão das quinas sobre os muros do alcazar sarraceno. A vingança dos christãos não deu quartel aos vencidos. Os que não tiveram a ventura de morrer pelejando, foram passados ao fio da espada. O alcaide teve a morte dos valentes, que de certo não merecia por suas ruins acções. Combatendo com extremado valor e coragem no ponto onde o perigo era maior, caiu sem vida repassado de golpes.

«O castello de Almanzor ficou destruido e abandonado, mas não ficaram inteiramente sepultadas nas suas ruinas as oppressões e injurias, que o tyranno alcaide infligia ás familias christãs.

«Se aquelle vergonhoso tributo acabou, se foram desterradas para não mais voltar as mãos infames, que se prestavam a executar as cruéis ordens do alcaide, arrastando tantas virgens ao captiveiro, aquellas muralhas, que ali védes ainda em pé, denegridas e carcomidas pelo embate das tempestades no correr de tantos seculos, guardam dentro em si um mysterio, um poder infernal, que desde então tem sempre perseguido as donzellas incautas, que se afoitam a passar sósinhas, e a deshoras pelas cercanias do terrivel castello.

«N'essas noites de estio, tão formosas, em que as estrellas, na ausencia da lua, reflectem sobre a terra essa frouxa luz, que em lucta com as trevas parece dar aos objectos formas phantasticas, e ás mais lindas scenas da natureza feições mysteriosas; n'essas noites calmosas, tão serenas, em que tantas vezes succede aos moradores das aldeas recolherem-se tarde a seus lares, ou porque tarde deixaram os trabalhos do campo, ou porque lhes apraz aspirar entre as estevas e rosmaninhos a ligeira brisa embalsamada; n'essas noites, fadadas para aventuras, divaga pelos arredores do castello um vulto de homem, grave nos ademanes, melancolico no aspecto.

«Assim que o sol ao despedir-se deixa de doirar as mais altas nuvens do horisonte, e as sombras veem involver em seu negro manto serras e vales, sae aquelle vulto do meio das ruinas, desce lentamente pelo dorso do monte, que serve de base ao alcazar, e vem sentar-se n'alguma pedra ou tronco derribado á beira da estrada.

«O mysterio, que o cerca, e o poder sobrenatural, que o defende e protege, não permitem que homens o vejam e ouçam. Debalde passarão junto d'elle centenas de camponeses, sabedores de suas aventuras nocturnas, com os olhos bem abertos, e os ouvidos bem attentos. Debalde, porque nada poderão ver ou ouvir. Mas se alguma donzella se afoita a passar sósinha por esses sitios, e a essas horas, ouve primeiro ao longe suaves harmonias de uma voz melodiosa, e pouco a pouco mais distinctamente doces endexas cantadas com tal graça e mimo, em sons tão accordes e maviosos, em tom tão meigo e triste, que absorta, enlevada, e extasiada, com o coração vencido pela magia d'aquella voz, e com a alma já captiva de um terrivel condão, caminha para o sitio d'onde saem os sons, que a arrebatam. Aproxima-se, chega, e vê então gentil maneco reclinado na pedra ou no tronco musgoso.

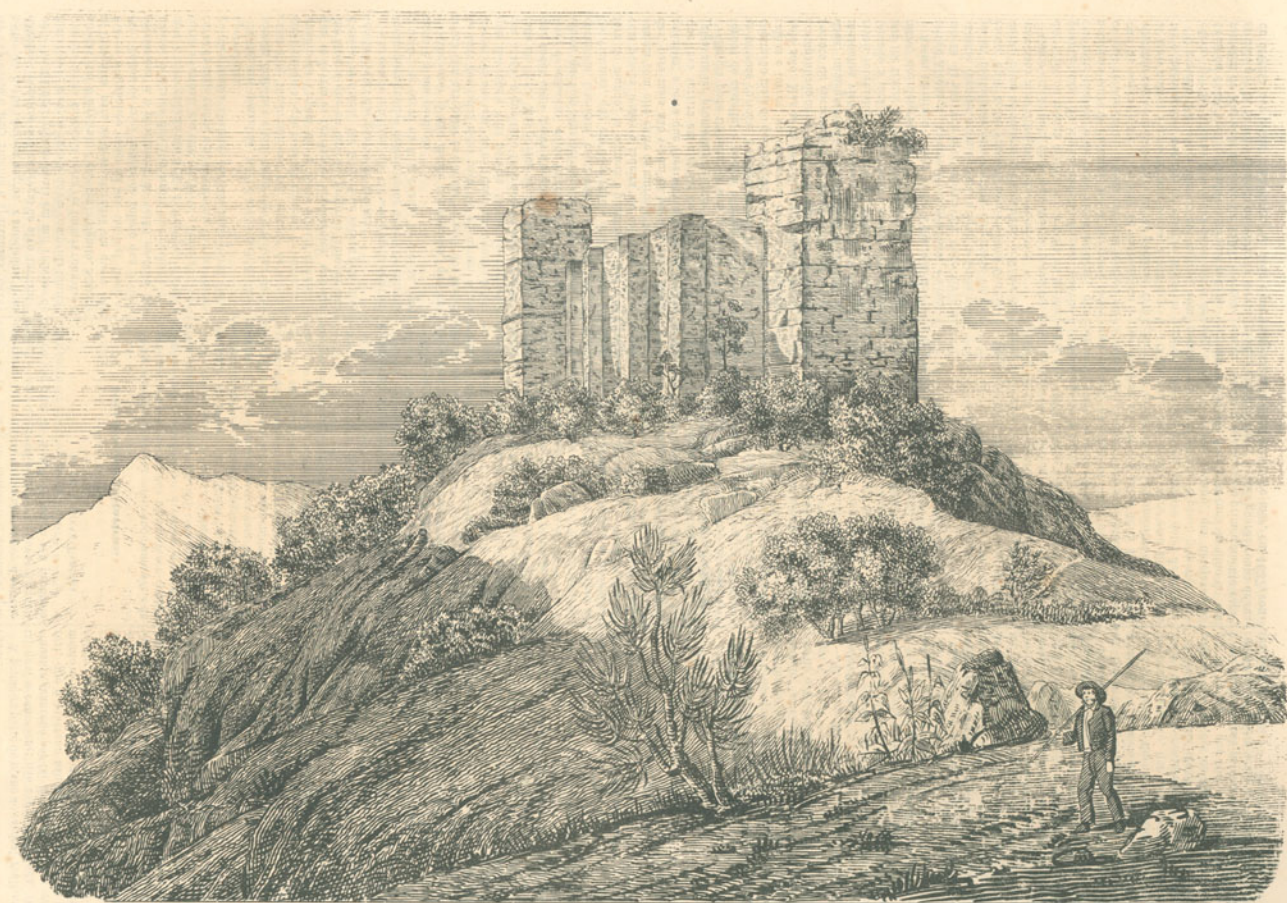
«A pasmada donzella nunca em sua vida viragoço tão formoso como aquelle. Tez levemente tostada, nariz aquilino, labios delgados em bocca



O marquez de Cinq-Mars. e o Cavalheiro de Thou. Godofredo, duque de Normandia. Maximiliano I, imp d Allemanha e sua mulher M^{de} Borgnã



Uma vista pittoresca da Cidade do Rio de Janeiro.



Castello d'Alcobaça.

engraçada, olhos negros, rasgados, e com singular expressão d'alma ardente e apaixonada, os cabelos da barba também negros, e anelados, e os da cabeça occultos sob as pregas de alvo turbante, onde brilha uma grande opala em mil reflexos de furtacões; o corpo envolvido em comprida túnica, que em partes suspensa deixa ver formas robustas e airozas; tal é o retrato d'esse ser incognito. Sómente incognito para as desventuradas em quem elle exerce o diabolico poder da sua temível fascinação. Todos os mais sabem de sobejo que o vulto mysterioso é o phantasma do velho castello dos moiros, o alcaide Ben Almanzor, que cheio de crimes, e carregado de maldições entregou-se d'alma e corpo a satanaz, e d'elle tem feito o demónio no decurso de tanto tempo um instrumento das suas perseguições contra as almas christãs mais puras e desapercebidas.

«Algunas donzellas, por tal arte attrahidas ante aquella diabolica visão, teem tido a fortuna de escapar-lhe, lembrando-se, por virtude de alguma santa reliquia, que consigo trazem, de implorar o auxilio da Virgem Maria. E são a estas donzellas, que se devem as revelações importantes, que aqui lhe faço, e que eu ouvi dos próprios labios de uma d'essas victimas, tão felizmente salvas pela protecção divina das garras de satanaz.

«As outras infelizes, que tão sem guarda se aventuram por aquelles descampados depois de entrada a noite, se caem na fatal cilada, si d'ellas, que certa é a sua perdição!

«Almanzor já não dispõe dos satellites, que outrora iam arrebatrar as timidas virgens dos braços de suas desoladas mães para lhe povoarem o seu harem. Já não tem, ou não emprega, aquella força, que durante a vida parecia tornar invencivel o seu braço, e que tudo fazia dobrar ante a sua vontade de ferro. Mas possui agora, mais temiveis do que todos esses meios d'ação, um poder irresistivel de sedução, cujos instrumentos são a voz e olhos, que com sons melifluos, e termos requebros, encantam, fascinam, captivam, e arrastam as tristes victimas, que em doce enleio d'alma, quasi já fora do mundo, lá seguem o phantasma, que sobe com passos lentos a ladeira do castello, e lá se somem com elle entre os muros e torres derrocadas, para mais não verem os paes, a quem tanto queriam, a terra que lhes serviu de berço, e o ceo que lhes sorria em alegrias de infancia, e onde julgavam ler promessas de futura felicidade.

«De dia pode transitar-se sem perigo pelos contornos do castello, e podem afoitamente visital-o as pessoas curiosas d'antiquidades. Nada ahi encontrarão mais do que pedras, ou erguidas em muralhas e torres, ou caídas em ruínas, e dispersas pelo solo. Mas ahi da donzella, que mesmo de dia, acompanhada ou só, se atrevera a penetrar n'aquelle recinto de encantamentos. Longa vida lhe fica fadada, immensamente longa, porém toda cheia de medonhas visões, de sonhos afflictivos, e de terriveis sobresaltos, que pouco a pouco lhe vão alterando a razão, e quebrando a saude, sem ao menos lhe trazer de prompto a morte, derradeiro lenitivo dos desgraçados.»

Assim terminou o bom velho a historia do castello d'Alcobaça. A expressão do seu rosto, e a commoção da sua voz bem mostravam quão vivas e intimas crenças eram as suas n'aquella lenda popular, contada de paes a filhos, de geração em geração, e por todos repetida com a mesma fé e candura, como se fossem testemunhas oculares dos successos maravilhosos, que a compõem.

Como esta ha pelo nosso paiz muitas outras lendas mais ou menos historicas, e mais ou menos phantasticas. No Minho, principalmente, provincia mais poetica, e de mais vivas crenças, que nenhuma outra de Portugal, todos, ou quasi todos os seus velhos castellos teem curiosas lendas, em que as superstições populares se entremeeiam e adornam com as mais bellas imagens poeticas, com as mais nobres aspirações patrióticas, e com muitas e interessantes noticias de exacção historica.

O castello d'Alcobaça tomado aos moiros, com effeito, por D. Afonso Henriques pelos annos de 1148 ou 1149, reconquistado e destruido pelo mamamolim de Marrocos no anno de 1195, e reconstruido por D. Sancho I, ainda no seculo xv servia de defenza aos coitos d'Alcobaça. D. João I por

carta patente de 24 de Novembro de 1424 deu licença ao D. abade do mosteiro d'Alcobaça, que era quem apresentava os alcaides-mores d'aquelle castello, para lançar uma siza pelos povos d'aquelles coitos, afim de reedificar com o seu producto uma torre do castello, que se alluira.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Personagens historicas.

Com este titulo iremos publicando uma serie de pequenos artigos, destinados mais a fazer conhecidos os trajos, usados nas diversas eras, e por diferentes nações, por via das estampas, que os hão de acompanhar, do que a colligir successos, e desenhar feições para os estudos biographicos. Na escolha dos personagens não seguiremos ordem de especie alguma. Fazel-a-hemos com inteira liberdade. Mas havemos de pôr todo o cuidado e esmero na exactidão dos trajos, para que, quando a *Illustração* tiver publicado uma boa copia d'elles, as pessoas, que interessam n'este genero de conhecimentos, possam achar n'essas estampas um guia seguro.

I

MAXIMILIANO I, IMPERADOR D'ALBANHA, E SUA MULHER, MARIA DE BORGONHA.

O imperador Maximiliano I nasceu em 22 de Março de 1459. Foram seus paes o imperador Frederico III, e a imperatriz D. Leonor, infanta de Portugal, filha d'el-rei D. Duarte. Subiu ao throno em 1493. Pelo seu casamento com a princeza Maria de Borgonha, filha herdeira de Carlos o Temerario, duque de Borgonha, reuniu este importante ducado ao imperio. Enviuvando em 1482, passou a segundas nupcias com a princeza Branca, filha de Galeas Sforça, duque de Milão.

Sustentou com fortuna varia muitas guerras, primeiramente contra a França, sob o reinado de Carlos VIII, depois contra a Suissa, d'ahi em alliança com os francezes contra a republica de Veneza, em seguida unido com a Hespanha e o papa contra a França.

Durante a sua viuvez pretendeu, e trabalhou muito para se fazer eleger papa, ambicionando accumular a coroa imperial e a thiana.

Falleceu em 11 de Janeiro de 1519. Foi um principe affavel, e bem fazejo: mas como soberano teve graves defeitos, entre os quaes avultavam a ambição, a perplexidade, e uma singular mistura de avariza e prodigalidade, de actividade e negligencia, e de valoroso e tímido.

Do seu primeiro matrimonio teve a Philippe o Bello, archiduque d'Austria, que casou com Joanna, a Louca, rainha de Castella, e foram paes de Carlos V, imperador d'Alemanha e rei de Hespanha.

Maria de Borgonha, primeira mulher do imperador Maximiliano, era neta pela parte paterna de D. Isabel, duqueza de Borgonha, e infanta de Portugal, filha d'el-rei D. João I, e mulher de Philippe o Bom, duque de Borgonha. Nasceu em 1457, e morreu em 1482.

II

O MARQUEZ DE CINQ-MARS.

Henrique Coiffier de Rusé, marquez de Cinq-Mars, nasceu em 1620, e era filho segundo do marquez d'Effiat, marechal de França, e amigo intimo do cardeal de Richelieu, primeiro ministro de Luiz XIII. Este celebre estadista, que governava despoticamente a França e a propria vontade do soberano, lembrou-se de collocar junto de Luiz XIII uma pessoa, que, sabendo insinuar-se no animo do monarcha, e adquirindo a sua inteira confiança, revelasse ao ministro, a quem devia a sua elevação, todos os segredos e pensamentos do rei.

O cardeal, escolhendo para esse fim o joven marquez de Cinq-Mars, que aos dotes de espirito reunia uma figura esbelta, e gentil presença, julgou encontrar o instrumento, que desejava, ao mesmo tempo que fazia a fortuna do filho do seu amigo. Assim pois nomeou-o primeiramente capitão das guardas reaes, depois guarda-roupa de sua magestade, e d'ahi estribeiro-mór, em 1637, con-

tando então Cinq-Mars apenas dezeseite annos de idade.

A primeira parte do plano do cardeal realisou-se tal qual o concebera; não assim a segunda. O insinuante mancebo por tal arte captivou o coração real, que o soberano não podia estar um só momento sem a companhia do seu valido. Porém o valido, ambicioso e inexperiente como moço que era, poz-se em lucta com o ministro, abusando ao mesmo tempo da amizade do rei. Desconcertado e vencido em todas as suas tentativas pela habilidade e solido poder do cardeal, Cinq-Mars correu ao partido extremo das conspirações. Preso, e condemnado á morte, foi justiciado juntamente com um seu companheiro, Francisco Augusto de Thou, a 12 de Setembro de 1642, aos vinte e dois annos de idade.

III

GODOFREDO, DUQUE DE NORMANDIA, E MATHILDE SUA MULHER.

Godofredo o Bello, duque da Normandia, conde d'Anjou, e de Maine, nasceu na cidade d'Angers aos 23 d'Agosto de 1113. Era filho de Foulques, um dos mais poderosos fidalgos da França, que, sendo elevado ao throno de Jerusalem, cedeu em seu filho Godofredo os condados d'Anjou, e de Maine.

Tendo casado este joven principe em 1128 com a princeza Mathilde, filha de Henrique I, rei de Inglaterra, por morte d'este soberano coube-lhe a herança o ducado da Normandia. Porém para o conservar viu-se empenhado em porfiosas guerras com o conde de Blois, e com Luiz o Moço, rei de França, que lh'o disputaram por muito tempo. Morreu em Setembro de 1151. Foi dotado de excellentes qualidades, mas o seu governo foi infeliz pelas continuadas guerras, que opprimiram os seus vassallos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

VIII.

Um dia disse Eduardo a Elisa:

— O amor de Maria foi um sonho: voltar?

— Creio que não, respondeu Elisa, pondo a estampilha do correio n'uma carta. Maria ama verdade, convenio; conheço-a muito: era incapaz de o ter illudido; mas reconsiderou, e já não ama.

— E se um dia tornasse a escrever-me, o que pensava d'ella?

Elisa cravou em Eduardo os seus bellos olhos castanhos onde existia a faísca satyrica, mostrou no gesto ridicula piedade, e respondeu:

— Que queria que eu pensasse de uma mulher que não pensava nada?

Elisa era um typo de espirito, que na pratica social podia tornar-se temivel! Infelizmente — áparte dizemos felizmente — faltava-lhe essa grande pratica onde a mulher, ao chegar a certa idade, toma carta de *tola* ou de *mulher de espirito*. No circulo, porém, resumido em que apparecia, circulo puramente familiar, o desinvoltamento natural da sua intelligencia demonstrava o espirito superior, tanto na acção elevada como na palavra escolhida, incisiva e prompta.

Era alta e magra; mas a magreza não a desfejava. Ha certas mulheres que não podem engordar. A constante influencia do espirito intelligente transforma sem cessar a fluencia da materia, privando-a do socego estúpido, que aliás aproveitara para invadir e alargar os contornos ligeiros e graciosos.

Elisa não tinha senão um defeito — geral no circulo das relações de Maria — era um não sei que de Violante, que não chegava a ser imitação, e que muito menos parecia copia: os seus modos constituíam — nem sempre — um *calemboury* do seu bom coração.

Eduardo gostava muito da sua amizade.

A carta de Maria tinha de novo exaltado o coração de Eduardo! — Ella ama-me! exclamava o louco, analysando periodo por periodo aquella carta que constituia a verdadeira corôa de gloria do pobre poeta. Mereci-lhe uma carta, uma terceira confissão espontanea do seu amor... Qual é pois o verdadeiro sentido d'este periodo: «... Apesar de ser fabula esse sentimento, quem sabe se outro existe mais sublime, que, uma vez conhecido, não admitta a possibilidade de ser supplantado, do ainda pelo mais forte dos que já conhecemos?»

E que quer dizer ainda este periodo seguinte: «... Se o amor fosse como eu o entendo, e como tu soubeste descrever-o, que dever na sociedade deixaria, então, de lhe ser sacrificado?»

Meu Deus! Duvidará ella da verdade dos sentimentos que me inspiravam, quando descrevi aquella acção? Não teria conhecido, depois, na frieza com que eu duvidava do amor, e appellava para a amizade, como sentimento que apenas pode durar entre dois corações, a prova evidente dos tormentos que esse amor, julgado mal correspondido, me causara? E quando o meu heroe intentou sepultar na licença os restos da sua louca afeição, não teria ella ainda reconhecido, na crueldade voraz do recurso, a força d'essa paixão que se desejava combater?

Sim; Maria duvida de mim! Ama-me como eu quiz que a minha heroína amasse. Ama-me assim; mas duvida do meu amor! Oh! Deus... e como teria eu conseguido d'est'arte descrever-o ao coração d'uma mulher, ao coração d'um publico inteiro, se a voz do coração não tivesse dictado a intelligencia a forma d'esse sentimento poderoso, unico invariavel!?

Esta commoção, porém, mata-me. Quero pensar e não ligo idéas: tenho-as como eclipsadas debaixo de uma sombra, que talvez já seja precursora do aniquilamento! Urge fazer uma coisa, dar um passo, arrancar-me sem demora á esta inacção. Preciso fallar, preciso ouvir, preciso viver fora de mim, e ver outra coisa além d'este — eu — que pensa do mesmo modo sempre; que diz sempre a mesma palavra; que tem sempre a mesma idéa — Maria!

E' madrugada. Vou escrever-lhe.

Escrever-lhe? reflexionou. Maria prohibe-me que lhe escreva. Aqui está o seu *não quero* expressivo; mas o que é o *não quero* d'uma mulher que escreve semelhante carta ao homem que a ama? Se Maria duvidasse d'esse amor — posto que não acredite n'elle como realmente é — ter-se-hia porventura exposto ao ridiculo que d'estas expressões podia resultar-lhe? Que principio a teria então autorisado a pensar que eu a retratara na minha composição? Vamos: apesar do seu *não quero*, é esse mesmo principio que me autorisa a responder-lhe. Escrevamos-lhe.

Escreveu, e apenas concluiu a carta, queimou-a. — Não! exclamou cheio de inexplicavel orgulho. Não irei agora curvar a seus pés a frente em que ella acaba de collocar esta corôa de gloria! O escravo levanta-se senhor. Até aqui, tu; agora, eu!

Pegou na penna e concluiu segunda carta. O orgulho da paixão acabava, finalmente, de ser demonstrado. A intelligencia, tutora por força do coração, tendo-o despresado em quanto o julgara pobre, principiava a querer tutelar-lhe os affectos, de que já nasciam fructos tão importantes. Até ali o coração, livre da intelligencia, amava com loucura. Compozera uma obra, e recebera uma corôa. A intelligencia foi impor-lhe a sua rigorosa tutela. Até no jogo intimo dos nossos sentimentos ha velhacaria!

Eduardo escreveu uma carta delicadissima, cujo estylo metrificado e phrase escolhida — em que a intelligencia julgou disfarçar totalmente a força dos affectos — talvez não fosse aos olhos de Maria senão mais uma prova evidente do amor que ainda dominava Eduardo.

A intelligencia pretendia, magoando o coração de Maria, obrigar-o a dictar segunda carta, entrando assim em nova correspondencia, que não lhe convinha solicitar.

Infelizmente a carta ficou sem resposta; e a intelligencia de Eduardo, que era n'aquellas crises uma especie de especulador de fundos, notando

baixa no credito do coração, retirou-lhe immediatamente parte da influencia; e o coração aproveitou logo esse momento, para dictar segunda carta.

A de Maria encerrava, na verdade, bastantes palavras de que Eduardo deprehendia o sentimento que parecia dominal-a; mas a contradicção constante da palavra com a acção era tal, que só Deus e ella teriam sabido explicar-a!

Interrompamos as nossas relações, disse ella uma vez; esqueçamos tudo: acabemos! Muito bem. E no fim de um periodo de seis mezes, durante o qual Eduardo podia ter realmente esquecido tudo; Maria, sem que elle lhe dirigisse um olhar supplicante, sem que lhe desse uma palavra lisonjeira, arriscava-se a escrever-lhe uma carta onde lhe fallava d'amor?!

Se realmente o amava, era justo que fosse acordar sentimentos já meio adormecidos na ausencia; abrir de novo as feridas mal cicatrizadas, para lhe recusar depois o balsamo consolador de uma correspondencia em harmonia com os desejos naturaes que a sua carta devia despertar-lhe? E' isso porventura amor?

Eduardo, outra vez transportado do scepticismo ao primitivo verdor das suas crenças, sentia-se sepultar na profunda noite do esquecimento; mas o desespero acompanhou-o então! O desespero, que nem mesmo lhe permitia o socego fatal, mas consolador, do abandono; tão semelhante, nas nossas paixões, ao que notamos no mar antes ou depois das suas violentas commoções! — o socego em que o olhar perde o brilho, a bocca os sorrisos, e a phisionomia a animação agradável; porque as idéas tambem perderam a reflexão, e o pensamento o vigor!

Eduardo, desde o principio das suas relações com Maria, estava bem longe de representar o typo desagradavel d'uma das duas classes em que se divide o grupo dos amantes ordinarios: primeira, os *enamorados*, propriamente ditos, que perseguem a mulher desde a porta da casa até á missa, e desde a missa até ao baile; soffrendo-lhes os desdens, as faltas de attenção, os risos trocados com a amiga, a critica e a censura geral: segunda, os *queridos*, que de ordinario tanto mais o são quanto menos *querem*; que pensam em tudo excepto n'aquellas que os estimam, salvo nos momentos em que as vêem; que pouco as procuram; que evitam a sua conversação *para evitarem censuras*; que fingem tratá-las mal para se fazerem importantes; que as fazem chorar *para as tornarem mais formosas*; e que depois de lhes terem prometido casamento, vão, geralmente, casar com outra, tendo ainda a impudencia de dizerem que *sacrificaram o coração*. Eduardo era o enamorado que *não perseguiu*: era o querido que tambem sabia *querer*; e assim podemos, sem lhe fazer favor, considerá-lo typo de uma outra classe muito mais especial e privilegiada.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

o Labrador.

A *Esperança* de Nancy dá sobre este paiz a seguinte noticia, escripta por um missionario d'aquella diocese:

«Ha quatro semanas que estou de volta da minha longinqua missão do Labrador, onde tive de evangelisar sósinho, tendo por companheiro o meu hom anjo, e uma população de sessenta familias, escalonadas pelo littoral do rio na longitude de oitenta leguas. Esta excursão reteve-me longe dos meus amados confrades pelo espaço de tres mezes. Os pobres abandonados que visitei por ordem dos meus superiores são, na sua maioria, francezes do Canadá; o resto são irlandezes, inglezes, selvagens do Montagnais, e até esquimaus! Que confusão de linguas! que Babel! e que paiz! O turista americano, tão avido de sensações, nunca dirige os seus passos para estas desoladas regiões. Contam só de immensos bancos de rocha, completamente aridos, a mór parte das vezes cobertos d'um musgo branco e secco, de quatro e cinco pollegadas de espessura, fazendo em extremo o andar bem fatigante.

«Na extremidade norte da minha missão, que dista de Montreal cerca de trezentas leguas, o clima

é detestavel. A minha missão, principiada em Junho, durou todo o mez de Julho, Agosto, e parte de Setembro; e se bem que era a mais formosa estação do anno, tive dias de vestir um forte albornoz; não porque o frio fosse precisamente intonso, mas porque um espesso nevoeiro pesa n'estas tristes paragens durante boa metade do tempo de estio, e quasi continuamente no decurso do inverno, que é mui comprido e rigoroso. Por isso no mez de Agosto se encontra a neve nas cavidades dos rochedos, e no mar grandes massas fluctuantes de gelo, que sobem cincoenta e sessenta pés acima do nivel da agua, tendo dentro do mar ainda maior espessura. Além d'isto sopram os ventos com grande impetuosidade; e nem a mais pequena cultura, nem um unico legume, nem o mais fragil arbustô. Como portanto garantir-se aqui uma pessoa do rigor do inverno?

«Quando a neve cobre a terra vão estes pobres homens, á distancia de cinco e seis leguas no interior do paiz, desenterrar do fundo d'algun profundo valle varios arbustos, que achando-se ali abrigados do vento, assim mesmo poucas vezes chegam á altura de dez a doze pés. São os cães que arrastam por cima da neve as provisões de madeira para todo o anno. Todos os habitantes sustentam dez ou doze cães esquimaus; são estes os unicos cavallos, ou bestas de carga, que pode haver no paiz. Vivem como parasitas durante tres quartas partes do anno, nutrido-se dos restos dos bois marinhos, que em grande numero se apanham na costa, e cujo azeite é mui procurado. Durante o inverno atrelam-se seis ou oito cães a um pequeno trenô, agita-se o azorrague, esta locomotiva parte com a rapidez da flecha, e vinte leguas se atravessam assim, no espaço de seis horas. Eis o engenhoso expediente a que se socorrem para acelerar a ligeireza dos cães. Na vespera da partida impõe-se-lhe um rigoroso jejum: então o dono escolhe o mais corredor, fecha-o em casa, e prodiga-lhe caricias. Os outros cães vendo aquella preferencia da parte do dono, concebem profundo sentimento de ciúme, e não deixam perder occasião que se lhes offereça de lhe fazer pagar caro o seu titulo de favorito. No dia seguinte de manhã o animal privilegiado é atrelado ao trenô assim como os outros, mas vae á frente de todos; apenas ahí é collocado os outros lançam-se em sua perseguição para o devorarem. Querendo escapar áquelles dentes pouco caritativos, parte veloz como um raio; aquelle a fugir, est'outros a perseguirem arrastam o trenô que apenas roça pela superficie da neve, conduzindo o viajante satisfeito d'este estratagemas. Assim se explora a paixão, ou o instincto d'estes animaes.

«Que motivo trouxe porém estes pobres habitantes a fixarem seus penates n'uma região tão terrivel? Admiremos n'isto a sabedoria da Providencia, que tão bem soube repartir seus dons, e que recusando a este paiz a fertilidade do solo, e a belleza do clima do meio dia, o dotou de immensas riquezas. Sim, o Labrador pode alimentar a Europa inteira com os numerosos productos da sua pesca. Todas as primaveras centenas de navios vem fazer aqui a pesca do salmão, do arenque, do boi marinho, da balêa, e do badejo; é prodigiosa a quantidade de peixe que se pode apanhar, especialmente de badejos e arenques, pois não é raro só n'uma rede que tem oitocentos pés de comprimento sobre oitenta de profundidade, apanhar tanto peixe quanto possam carregar dois navios mercantes. Quatro homens, no espaço de uma hora, apanharão e tomaram na sua rede mil e quinhentos quartos de arenque (o quarto pesa dois quintaes, e vende-se de trinta a trinta e seis francos). Que lucro em tão pouco tempo! Contudo, ordinariamente não se toma mais de que trezentos a seiscentos quartos. Grande recurso tambem para este paiz são os ovos que aves de muitas especies põem abundantemente nas ilhas de que o oceano está semeado n'estas paragens. Vi ilhas que não medem mais de meia legua de circunferencia, nas quaes se podiam apanhar cada manhã seis a sete mil ovos dos passaros selvagens. Os navios que os carregam vão vendê-los aos Estados-Unidos.

«Dirigi-me por mar á habitação de um pescador, e ahí levantei o meu modesto altar na sua cabana, onde se respirava um infecto cheiro de

azeite, e de peixe; prêguei, instruí, baptisei, confessei durante dois ou tres dias; depois que puz esta gente em estado de satisfazer ao seu dever pascal, parti d'entre elles, ou antes me arranquei de seus braços, porque estavam desolados de me verem partir tão depressa, sabendo que ficavam um anno sem padre, sem missa, sem sacramentos, expostos a morrerem sem receberem os ultimos soccorros da religião.»

Pekin.

Os acontecimentos de que a China está sendo theatro dão interesse ás seguintes noticias sobre a capital do celeste imperio.

Pekin é uma antiquissima cidade. Foi fundada em 1121 antes da era vulgar, por um descendente do imperador Hoang-ti. Em chin, *Pe-king* significa palacio real do norte, para o distinguir de *Nan-king*, que quer dizer palacio real do meiodia. Pekin está situada a 39° e 55' de latitude norte, e 132° e 55' de longitude.

Esta capital divide-se em duas cidades distinctas: a cidade tartara, ou central, *Nei-tching*; e a cidade chin exterior, *Fai-tching*.

A cidade tartara, ou central, contém ainda outras duas: a primeira é *Hoang-tching* ou a cidade imperial; a segunda é *Tsou-kin-tching*, ou a cidade da corte. *Hoang-tching* chama-se tambem cidade encarnada, por causa da cor da sua muralha. *Tching* significa muralha da cidade; mas sob este nome comprehende-se egualmente tudo que encerra no seu recinto. A cidade tartara foi cingida com as suas muralhas, quaes existem hoje, em 1421, sob a dynastia dos Ming.

Pekin tem cincoenta e oito *lys* (sete leguas e meia) de circumferencia, não comprehendendo os arrabaldes. As muralhas tem trinta e tres pés e meio d'altura, sessenta e dois pés de espessura na base, e cincoenta na parte mais alta. Deve acrescentar-se mais á altura geral cinco pés e oito decimos, para setteiras e paraapeitos. Contam-se na cidade nove portas; a do sul, ao meio, chama-se *Tching-yang-men*, e vulgarmente *Thsianmen*; a do sul, a leste, *Tchoung-wen-men*, ou simplesmente *Atta-men*; a terceira porta do sul, collocada ao oeste das duas primeiras, *Siouan-wen-men*, vulgarmente *Choun-tchi-men*. A porta nordeste chama-se *An-ting-men*; a do norte, *Te-ching-men*; a situada a leste do lado sul, *Tchao-yang-men*, vulgarmente *Tsi-hoa-men*; a de leste do lado norte *Fouy-chi-men*; a de oeste inclinando para o sul, *Feu-tching-men*, vulgarmente *Phing-tso-men*: finalmente a que fica exposta a oeste do lado norte, *Si-tchi-men*.

A cidade chin, ou exterior, foi edificada em 1344. As suas muralhas, contando da torre do angulo sueste da cidade interior até á torre situada no augmento sudoeste, comprehendem oito *lys* de circumferencia; tem vinte pés de altura, outros tantos de espessura na base, e quatorze na parte superior. Conta esta cidade sete portas.

Pekin tem mudado repetidas vezes de nome. No decimo segundo seculo antes da era christã, foi capital d'um reino especial, chamado *Yan*, e tinha então nome de *Tsi*. No anno 222, acabou o reino de *Yan*, e Pekin deixou de ser capital. Em 936 foi tirada á China pelos Kidans; em 938, *Jokonsi*, segundo imperador dos Kidans, fez de Pekin a sua capital do sul, e poz-lhe nome de *Si-tsin*.

A cidade da corte (cidade interdita), no tempo d'esta dynastia, como das outras duas que lhe succederam, as dos *Kins* e dos *Youans*, comprehendeu sempre nove *lys* e trinta passos de circumferencia, differindo portanto mui pouco do que é hoje.

O enfeitado.

Continuação.

III

«Muitas vezes em delirio
Imagino minha mãe,
Phantasma que vem descendo
D'esses reinos, lá d'além...

Então curvo-me, ajoelho;
Choro e peço-lhe um conselho,
Que me guie na rude senda
D'esta vida aonde vago,
Que suavemente o negro amago
Da existencia minha, horrenda.»

«Mas o espectro endurecido
A cabeça então meneia,
Pinta no rosto mentido
A incerteza que lh'anceia
No mudo labio gelado...
— Choro e digo — desgraçado!
Misero... que faço aqui?...
Sem fé, isolado, só,
De ninguém mereço o dó,
O mundo de mim se ri!

«E ria antes — embora!
Que os pesares lhe não quero.
E dó que a face me cõra
Vil, mentido, e não sincero.
É dó que avilta e humilha,
Magoa d'ironia filha,
Que o pejo ao rosto me traz!
— Ria antes insolente,
Ou torne-se indifferente;
Ria e zombe se lh'apraz!»

IV

«Depois eu penso e medito,
E pensando digo assim:
— No mundo, vasto deserto
Sem oasis, onde habito,
Por flores encontro espinhos,
Que flores não são p'ra mim.
Mil despresos por carinhos,
Que o mundo não dá assim
Afagos ao infeliz.
— «Seus paes que não fossem vis,
Sua mãe que fosse honrada.»
Eis o que a humanidade
Rente a mim passando diz.
Então choro e na agonia,
Eu maldigo a hora, o dia,
Em que vi do mundo a luz;
Porque homem, covarde e fraco
Forço em vão; não posso eu só
Partir e rojar no pó,
Os lenhos da minha cruz!»

«E minh'alma solta um brado
Que se abafa suffocado
Do mundo pela torpeza;
Mas depois, se desesp'rado
Eu digo — no Deus não creio —
Exclama a turba — malvado!
Diz-me que sou impio, atheu,
Não creio no inferno, e ceo,
Que sou filho da maldade,
Do crime, d'algoz talvez...
Dá-me a voz de maldição,
Que as turbas sem coração,
Não dizem — foram loucuras!
E loucuras que amor fez!»

V

«Deus! perdoae ao inf'liz
Seus profanos desvarios...
Esses delirios febris
D'agonia resultados.
Dae-me a morte, porque a pede
Aquella a que não concede
O mundo um só prazer;
Fui desditoso na vida,
Quero em campa 'squecida
Terminar meu padecer!»

VI

Findava o pallido outono,
Cór sombria de tristeza,
Sob' os bosques s'estendia;
Sem alento a natureza
Aos sopros da fria aragem
Semelhava que morria...

Não errava nas montanhas
Nem rebanho, nem zagal;
Reinava nas penedias
Um silencio sepulchral,
As vezes interrompido
P'lo soprar das ventanias
Que se assolavam no val!
Nem por noites fulgurava
Lá no ceo a meiga lua,
Nem tampouco scintilava
Nos espaços uma estrella;
Lagrimas mil deslisava
Curvo arbusto sobre a relva,
Nem as aves d'entr'a selva
Ternos canticos soltavam...
Um deserto tudo, tudo...
Só por vezes o som rudo
Da flauta, triste murmurio
Parelhava melodias
Co'o silvar das ventanias
Sobre as grimpas do tegurio!...

VII

Negro o ceo se vae tornando
Enluctado de tristeza,
Silva o noto assoviando
E geme de quando em quando
A hispida natureza!

Para além do horizonte
É medonha a cerração!
Estagnada jaz a fonte,
E na cumiada do monte
Triste zune o furacão!...

Grossas nuvens pardacentas
A celeste face beijam;
Só o ecco das tormentas
Que no espaço passam lentas
Na voragem rumorejam!

D'entre o cedro na ramagem
O passaro faz guarida;
Não revõa pela aragem
Que do noto na bafagem
Receia perder a vida!...

Cae a jorras a torrente
Nos reconcavos do val;
Jaz o rebanho dormente,
Contempra o ceo descontente,
Sorrindo triste, o zagal!...

Vacilla o altivo choupo
Da montanha; treme e cae;
Da praia o ermo cachopo
Desabando do seu topo
Em o profundo se esvae!

Trepa ao cume da montanha,
E assenta-te no granito
D'empinada erguida penha,
Que lá avulta, e se desenha
Na vastidão do infinito.

Não sentes n'alma filtrar
Profunda, vaga tristeza?
Atravez o peito coar
Som mysterioso a chorar
Prantos mil da natureza?...

Continua.

H. VAN-DEITENS.

Continua a relação dos professores a quem é remettida a *Illustração*.

DISTRICTO DE SANTAREM

Concelho de Sardoal.

III.ªs Srs.

Sardoal — Joaquim Augusto Faria do Carmo.
Dito de Thomar.

Asseiceira — Manuel dos Santos Oliveira.
Dito de Torres Novas.

Alcanena — Manuel Antonio dos Santos.
Continua.